



## OFICINA DE TRANSPOSIÇÃO DE OBSTÁCULOS E A COOPERAÇÃO ENTRE OS ESTUDANTES: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

### OBSTACLE OVERCOMING WORKSHOP AND COOPERATION AMONG STUDENTS: AN EXPERIENCE REPORT

João Lucas Fagundes Batista. Bacharel em Administração pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Licenciando em Educação Física pela Universidade Estadual de Feira de Santana.

joaolucasfagundes@gmail.com

Suzana Alves Nogueira Souza. Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Departamento de Saúde da Universidade Estadual de Feira de Santana.

sansouza@uefs.com

#### RESUMO:

Este relato de experiência tem como objetivo promover uma análise descritiva a partir de uma oficina de transposição de obstáculos, com vistas a perceber atitudes inerentes à cooperação no âmbito do 2º Batalhão de Bombeiros Militar da Bahia (2º BBM) através da observação atitudinal dos participantes. O supramencionado batalhão tem um histórico amplo em receber visitas escolares e promover oficinas/práticas corporais entre os alunos, com a finalidade de aproximá-los de um dos pilares do trabalho do Bombeiro Militar, a cooperação. Neste sentido, dentro do arcabouço de oficinas disponibilizadas para os alunos das mais diversas escolas e realidades, são aplicadas quatro práticas com o intuito de apresentar, de forma lúdica, técnicas de transposição de obstáculos que integram o Treinamento Físico dos militares, técnicas de Primeiros Socorros, técnicas de salvamento em altura e demonstração e funcionamento de viaturas. Ficou evidenciado que os alunos, quando estimulados a agirem com cooperação, apresentaram uma mudança comportamental e atitudinal inerente à solidariedade e ao trabalho em equipe durante a oficina e no momento do lanche.

**Palavras-chave:** práticas corporais; transposição de obstáculos; cooperação.

#### ABSTRACT

*This experience report aims to provide a descriptive analysis of the obstacle crossing workshop, seeking to understand attitudes inherent to cooperation within the 2nd Military Firefighters Battalion of Bahia (2nd BBM) through attitudinal observation of the participants. The aforementioned battalion has a long history of receiving school visits and promoting workshops/physical activities among students, with the goal of bringing them closer to one of the pillars of the Military Firefighter's work: cooperation. In this sense, within the framework of workshops offered to students from diverse schools and backgrounds, four practices are applied with the intention of presenting, in a playful way, obstacle crossing techniques that are part of the military's physical training, first aid techniques, high-altitude rescue techniques, and demonstrations and operation of fire trucks. It was evident that when students were encouraged to act cooperatively, they showed a behavioral and attitudinal change inherent to solidarity and teamwork during the workshop and during snack time.*

**Keywords:** body practices; overcoming obstacles; cooperation.

## 1 INTRODUÇÃO

Este relato de experiência tem como temática principal as atitudes de cooperação dos alunos durante a oficina de transposição de obstáculos no 2º Batalhão de Bombeiros Militar da Bahia (2º BBM). O objetivo é promover uma análise descritiva, através da observação atitudinal dos participantes durante a oficina de transposição de obstáculos no âmbito do 2º BBM, com vistas a perceber atitudes inerentes à cooperação entre os alunos participantes. Dentre as atividades desenvolvidas pelo batalhão, as visitas escolares são cada vez mais frequentes, sobretudo quando é trabalhada nas escolas a temática das profissões.

Este relato é de grande relevância social, visto que demonstra a integração entre a sociedade civil, sobretudo a escola, e o Corpo de Bombeiros Militar da Bahia, apresentando a rotina e as especificidades da profissão. Outro fator que merece destaque é o estímulo a atividades cooperativas, contribuindo, dessa forma, para a manutenção do trabalho em equipe ainda na infância. Além disso, este relato possui também uma grande importância pedagógica, visto que é necessário fomentar a construção de uma cultura emergencista preventiva na sociedade desde a infância, de maneira lúdica e eficaz para o processo de ensino e aprendizagem, já que, segundo Freire (2019), um dos saberes indispensáveis para o professor é reconhecer que ensinar é criar possibilidades para a construção do conhecimento.

Dados estatísticos extraídos do Sistema Eletrônico de Informações (SEI) apresentam que, de janeiro a outubro de 2023, o batalhão supramencionado recebeu uma média de 266 (duzentos e sessenta e seis) alunos de instituições públicas e privadas, com faixa etária entre 03 (três) e 14 (catorze) anos, distribuídos em seis encontros diferentes. Durante as visitas, foram aplicadas quatro oficinas inerentes às atividades de Bombeiro Militar, com um máximo de 12 (doze) participantes em cada atividade, com tempo médio de 25 (vinte e cinco) minutos cada, todas acontecendo de modo simultâneo e sendo descritas a seguir.

A primeira delas abrange a demonstração de alguns equipamentos de incêndio (como esguichos, mangueiras, capacetes, equipamentos de proteção individual e equipamentos de proteção respiratório autônomo) e técnicas de primeiros socorros.

Nessa oficina, os alunos foram destinados à sala de instrução para realizarem a manobra de desobstrução de vias aéreas por corpo estranho em lactentes, crianças e adultos, com base nas condutas preconizadas pelo *Guideline American Hearth Association* (2020). O bombeiro instrutor demonstrou cada equipamento e, logo depois, cada técnica de primeiros socorros. Cada participante teve a possibilidade de executar a manobra com manequins específicos e manusear os equipamentos. Ao final, foi realizada uma simulação de um engasgo de um bebê para que os participantes (incluindo os professores/profissionais de educação dispostos no ambiente) pudessem, em conjunto, solucionar tal situação crítica: o bombeiro instrutor entregou o manequim bebê aos participantes e pediu que eles realizassem o que aprenderam.

A segunda oficina consiste em demonstração de técnicas de salvamento em altura. Em área aberta do batalhão, os alunos foram dispostos em torno de um equipamento chamado “tripé de resgate”, onde foram feitos dois sistemas de altura, um de multiplicação de forças (com utilização de polias duplas) e outro sendo apenas um desvio simples de direção, com intuito de apresentar a atuação das forças físicas como tração, peso e gravidade. O bombeiro instrutor usou como exemplo de ocorrência real uma situação de queda de algum animal de grande porte, como vacas ou cavalos, dentro de um poço. A grande massa do animal se torna um dos grandes empecilhos para a realização de resgates dessa natureza, sendo para tal necessário utilizar os sistemas de polias para efetuar o salvamento do mesmo e liberá-lo do confinamento. Os alunos foram levados a perceber que a utilização correta das forças físicas pode contribuir para o içamento de corpos de maneira menos desgastante, utilizando forças e grandezas físicas e matemáticas de maneira prática. Nessa oficina, um manequim de aproximadamente 70kg (setenta quilos) foi erguido pelos alunos com e sem o auxílio das polias para que pudessem verificar a ação das grandezas supracitadas.

A terceira oficina foi a da demonstração das viaturas do 2º BBM, com seus compartimentos, especificidades e funcionalidades, na qual um bombeiro instrutor apresentou as viaturas e suas nuances aos alunos. E a quarta foi uma prática corporal de transposição de obstáculos, com o propósito de apresentar a importância do

treinamento físico para a atividade de bombeiro militar e da necessidade de se trabalhar em equipe para atingir um objetivo comum: transpor todos os obstáculos e chegar ao final da prática todos juntos. Essa oficina foi feita na arena com gramado sintético dentro das instalações do batalhão. O bombeiro instrutor dispôs de materiais como barreiras, cones, cadeiras, fitas zebreadas, entre outros, para construir duas pistas iguais de obstáculos. O objetivo era transpor os obstáculos e resgatar as vítimas (representada por discos coloridos) ao final de cada pista. O grupo de alunos foi alocado entre as duas pistas e, ao soar do apito, saíram em direção às vítimas, transpondo todos os obstáculos dispostos.

Para fins de análise, neste relato de experiência, foi realizado um recorte em que apenas a quarta oficina das listadas anteriormente se constituiu como referência para a percepção atitudinal da cooperação entre os alunos participantes. Vale ressaltar que um dos autores deste relato é bombeiro militar, integrante do Corpo de Bombeiros Militar da Bahia, e mediu a oficina de transposição de obstáculos, bem como, em alguns momentos, a oficina de primeiros socorros.

## 2 METODOLOGIA

O relato de experiência tem grande valia na contribuição da construção do conhecimento, já que fornece evidências empíricas, mesmo que passíveis de questionamentos, para que seja possível ampliar discussões e fortalecer teorias em face da realidade (Antunes *et al.*, 2024). Visto isso, é possível inferir que o relato de experiência consiste em explicitar o procedimento proposto de forma a contribuir para determinada área de atuação. É uma forma de narrativa na qual o autor descreve uma experiência ou vivência profissional com considerações significativas para estudos, reflexões e análises.

O presente relato de experiência tem como foco principal para análise descritiva observacional a oficina Transposição de Obstáculos, onde os alunos são destinados à arena de gramado sintético e estimulados, de forma lúdica, a desenvolverem não apenas valências e habilidades físicas, como também espírito de equipe e cooperação. Nesse interim, é montada uma pista de obstáculos onde, em equipe, os

alunos devem superar cada empecilho em busca do resgate das vítimas que são representadas por discos coloridos. Um dos objetivos dessa atividade corresponde à possibilidade de oferecer aos discentes uma vivência cotidiana do treinamento físico militar dos componentes do 2º BBM.

A produção de dados para a sistematização do relato de experiência foi através da observação e do diário de bordo acerca do fenômeno da cooperação entre os colegas de equipe durante a atividade, no que tange à dimensão atitudinal de cada participante. O diário de bordo funciona como um mecanismo de registro para que haja uma reflexão sobre a ação do que está sendo feito/observado, possibilitando um resgate à experiência vivida (Barros; Passos, 2009). Já a observação consiste num procedimento científico em que é preciso parar e pensar sobre o que vai ser observado, por que vai ser observado e como vai ser observado (Silva, 2013). Portanto, a simbiose desses dois métodos de coleta de dados permite que se tenha uma maior apreensão aos detalhes da atividade.

A coleta dos dados foi feita a partir da observação *in loco* e diário de bordo durante 4 (quatro) visitas escolares (uma escola pública municipal e três escolas particulares), no ano de 2023, dentro do 2º BBM, distribuídas entre os meses de janeiro e outubro, todas no turno matutino, com faixa etária de 8 (oito) a 14 (catorze) anos, integrantes do 3º ao 9º ano do Ensino Fundamental, totalizando 48 (quarenta e oito) alunos participantes da oficina de transposição de obstáculos. Nessa ótica, os alunos foram destinados para a arena de campo gramado sintético, disponível dentro do batalhão, para realizar a oficina. Foram utilizados equipamentos como cones, cadeiras, escadas de agilidade, discos, corda etc., dispostos de forma a criar dois circuitos iguais envolvendo obstáculos nos quais os alunos pudessem se utilizar de habilidades e valências físicas para chegarem aos discos, representando as vítimas a serem resgatadas, e os trazerem até a linha de partida novamente.

Nesse cenário, um bombeiro instrutor presidiu a atividade e orientou os alunos a se dividirem em dois grupos iguais para que se pudesse dar início à oficina. Nesse momento, toda a oficina foi observada e as informações anotadas no diário de bordo, para que fosse possível realizar, após o feito, conforme afirma Gil (2022), uma análise

descritiva com o intuito de descrever as características de determinada população ou fenômeno.

### **3 AS ATITUDES COOPERATIVAS NAS ATIVIDADES ESCOLARES**

Na vida escolar, é necessário que o discente desenvolva uma série de competências para lidar com os desafios escolares propostos. Essas competências devem reconhecer as necessidades do aluno no tocante à resposta a tais desafios (Zabala; Arnau, 2014). Ainda segundo os referidos autores, tal competência deve intervir nas diferentes áreas da vida do sujeito. Nesse conceito, é perceptível que competência está interrelacionada com conhecimento e atitude, ou seja, a ação que deve resultar numa resolução de situação problema transcorre do conhecimento e da dimensão atitudinal. Sarabia (2000) assinala que a dimensão atitudinal é composta por três aspectos básicos: valores, atitudes e normas. Tal dimensão, conforme afirma Darido (2012), perpassa pela valorização do patrimônio de jogos e brincadeiras, respeito pelos adversários e colegas, valorização de atitudes não preconceituosas e predisposição em participar de atividades em grupo, cooperando e interagindo com os participantes.

Entretanto, é importante perceber que, mesmo analisando os aspectos cooperativos atitudinais (dimensão atitudinal) dos alunos na prática de transposição de obstáculos, tal análise é permeada também pelas dimensões procedimentais e conceituais. Pois, conforme afirma Darido (2012), durante a prática da docência, não tem como seccionar os conteúdos da dimensão atitudinal, conceitual e procedimental: todos estão em constante dinamismo; contudo, pode haver ênfase em determinadas dimensões. A dimensão atitudinal, foco deste relato, permite ao aluno o acesso ao autoconhecimento, baseado em valores e princípios que orientam a tomada de decisão (atitude).

Nessa ótica, proporcionar a possibilidade de uma conduta cooperativa é de suma importância, principalmente para o trabalho em grupo (socialização), com a intenção de atingir um objetivo comum, o trabalho em equipe. Nesse viés, Boettcher (1974 *apud* Frantz 2001, p. 242) define cooperação como “[...] a atuação consciente

de unidades econômicas (pessoas naturais ou jurídicas) em direção a um fim comum, pela qual as atividades dos participantes são coordenadas através de negociações e acordo”. Portanto, cooperar é ter uma atitude consciente, baseada em valores e princípios em direção a um fim em comum. Dentro da rotina do bombeiro militar, a cooperação é parte integrante do trabalho em equipe, na utilização de técnicas, equipamentos e pessoas com o propósito, por exemplo, de combater um incêndio. Esse “espírito cooperativista” tende a favorecer a resolução das situações críticas enfrentadas diuturnamente pelos militares do 2º Batalhão de Bombeiros Militar da Bahia.

Acerca dessa lógica, as práticas corporais propostas no âmbito das oficinas têm o objetivo de aproximar os alunos da atividade do bombeiro militar, dentre elas as atividades que promovem a cooperação. Por isso, quando proposta a prática de transposição de obstáculos aos alunos, utilizou-se a categorização proposta por Orlik (1989 *apud* Palmieri 2015, p. 246) para “[...] balizar a aplicação da atividade dentro da perspectiva da cooperação”. O autor supracitado, propõe jogos sem perdedores, focando no resultado positivo do coletivo.

Partindo desse pressuposto, a intencionalidade pedagógica da oficina de transposição de obstáculos foi de afastar os alunos do modelo competitivo e aproximá-los das intenções cooperativas em busca de um denominador comum, no qual todos teriam a possibilidade de mostrar as suas melhores valências físicas e demais habilidades em busca de um objetivo comum, além de permitir que estejam em condição de igualdade para a resolução de adversidades propostas na oficina. Envolvidos nessa seara, os alunos foram estimulados a utilizarem o mecanismo de decisão baseado em suas atitudes e valores para solucionarem, por exemplo, uma situação de superar algum obstáculo disposto na pista. Aqui, mais uma vez, é perceptível a indissociabilidade das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal.

E, para tal, é necessário que se tenha uma reflexão sobre a integração entre as práticas e o envolvimento dos participantes. Nessa vertente, baseado em Correia (2006), foi demandada aos participantes e demais integrantes a necessidade de “Pensamento reflexivo” cooperativo para dirimir dificuldades. O referido autor entende cooperação como “[...] envolvimento e à participação das crianças nos jogos,

mostrando aumento da colaboração, da solidariedade, da amizade e do respeito entre elas.” Nesse sentido, o estímulo à reflexão faz com que todos os envolvidos percebam que suas ações são fundamentais para que se alcance o resultado final de maneira conjunta.

É perceptível, também, que a dimensão atitudinal está diretamente ligada à práxis pedagógica. E esse contínuo processo de aprendizado baseado na cooperação e na reflexão de atitudes e valores pode favorecer a construção, a longo prazo, de uma sociedade mais justa e igualitária, promovendo, assim, uma melhor maneira de conviver com as diversidades socioculturais e extrair disso habilidades éticas e morais fundamentais para a convivência social harmônica.

A oficina de transposição de obstáculos muito se aproxima da aprendizagem de aventura pela natureza, pela semelhança de suas práticas. Nessa ótica, como afirmam Pereira e Armbrust (2010), tal prática pode favorecer o empoderamento dos estudantes, sobretudo dos financeiramente menos favorecidos, bem como explorar os ambientes fora dos muros da escola e, principalmente, fomentar reivindicações dos alunos por melhores políticas públicas de acessibilidade a outros ambientes.

#### **4 A OFICINA DE “TRANSPOSIÇÃO DE OBSTÁCULOS” COMO POSSIBILIDADE ATITUDINAL ENTRE OS PARTICIPANTES**

A prática corporal transposição de obstáculos é apelidada pelos bombeiros de “Corrida do Fogo”, trazendo consigo uma maior aproximação entre os alunos e a atividade do bombeiro militar. Dessa forma, os alunos são destinados à arena de campo gramado sintético, disponível dentro do batalhão, para realizar a prática. São utilizados equipamentos como cones, cadeiras, escadas de agilidade, discos, corda etc., dispostos de forma a criar dois circuitos iguais envolvendo obstáculos nos quais os alunos possam utilizar habilidades e valências físicas para chegarem aos discos, representando as vítimas a serem resgatadas, e os trazerem até a linha de partida novamente.

No início da prática, os alunos foram dispostos em dois grupos de até seis participantes cada. Nessa hora, foi feita uma roda de conversa com todos, explicando

a atividade e a ideia do objetivo final. Nesse caso, o bombeiro instrutor explicitou que, no Corpo de Bombeiros, o mais importante é aprender a trabalhar em equipe e que, para isso, é necessário que todos façam a sua parte. Nesse momento, cada grupo é disposto em frente à sua respectiva pista de obstáculos, e os militares realizam uma demonstração de transposição dos seguintes obstáculos: rastejo por baixo da corda (sem tocar na corda nem nas cadeiras, quando dispostas no cenário), corrida entre os cones, pliometria com escada de agilidade (sem tocar nos degraus da escada), salto sobre barreiras de cones, corrida lateral e recuperação de discos dispostos no cenário (discos com a quantidade exata de participantes).

Quando dispostos dessa forma, a tendência natural dos alunos é instaurar a competição entre uma equipe e outra. Entretanto, os discos dispostos ao final da atividade são todos da mesma cor e estão sem um padrão definido de distribuição – simbolizando vítimas espalhadas pelo terreno aguardando o resgate – apenas distribuídos no final do circuito. A organização dos alunos é livre; e, antes do apito, o bombeiro instrutor diz que o objetivo final é resgatar os discos e os trazerem até a linha de partida. Após a concordância de todos, foi dado início com a utilização de um apito.

É perceptível no momento inicial que os grupos, em sua maioria, não têm uma organização predefinida, e por isso vão todos quase que de imediato para transporem os obstáculos. Entretanto, ao se depararem com as regras e com os espaços físicos de cada parte do circuito, tendem a se organizar para transporem em duplas ou de forma individual ou até mesmo se organizando espontaneamente em uma fila única. Após a etapa inicial do rastejo, os mais velozes foram à frente e começaram a transpor com mais agilidade os obstáculos até a chegada aos discos. A maioria dos alunos pegou somente um disco e retornou ao ponto de partida a fim de depositar o seu disco. Feito isso, aguardaram os demais retornarem. Quando o último integrante da equipe chegou, eles festejaram e os membros da equipe retardatária, por vezes, desistiram até de finalizarem as provas.

Nesse momento, o bombeiro instrutor apita prolongadamente e pergunta “Finalizaram a atividade?”, e dentre as respostas mais ouvidas estão “*Sim, nós chegamos primeiro!*” ou “*Sim, vencemos*”. Com isso, o grupo todo é chamado

novamente ao ponto inicial de partida para uma nova conversa, a qual o bombeiro instrutor começou da seguinte forma:

*Em que momento eu falei com vocês que uma equipe tinha que competir com a outra? Nós dissemos que cada disco daquele seria uma vítima que precisava de ajuda, e todas elas têm a mesma importância pra nós. Não existe vida mais importante que outra, todas são vidas. Numa atividade como essa, se sobrou uma única vítima, ninguém obteve sucesso no objetivo. Se um colega desistiu no meio do caminho, não tivemos sucesso na missão. Se um colega poderia ter ajudado o outro e não o fez, não temos o que comemorar.*

O objetivo dessas palavras é promover uma reflexão sobre as posturas competitivas de cada um e que, naquela atividade, elas deveriam ter sido deixadas de lado. Ainda nesse momento reflexivo, alguns alunos indagaram a competência do outro grupo em não ter sido tão rápido, e então foram instigados a compreender que a competência do grupo é resgatar todos os discos e não resgatar apenas metade deles de maneira mais rápida do que o outro grupo. Dentro ainda do contexto reflexivo, os alunos foram levados a compreender a importância da palavra “Corpo” de Bombeiros, quando o bombeiro instrutor dialogou que *“Por se tratar de um Corpo, todos precisam trabalhar em conjunto, de maneira solidária e organizada, para que ou todos vençam ou ninguém vença”*.

Após o estímulo à reflexão dos alunos, com ênfase em atitudes cooperativas e solidárias, foi dada uma nova oportunidade para realizarem novamente a prática. Ao som do apito, os alunos envolvidos mudaram de postura atitudinal: começaram a ajudar um ao outro, muitos de mãos dadas, entregaram o disco um ao outro, estimularam a velocidade e as habilidades entre eles. Essas atitudes demonstram uma gênese da cooperação frente à prática corporal realizada. Findada a atividade, quando novamente a reflexão dos participantes foi incentivada, o bombeiro instrutor indagou sobre qual foi a diferença entre a primeira rodada e a última. E dentre as respostas mais comuns, estão: *“A segunda foi mais divertida, porque já sabíamos que todos iriam ganhar!”* ou *“A segunda foi melhor, porque tivemos mais ajuda uns dos outros!”* ou ainda *“Os mais rápidos foram na frente e nos entregaram os discos quando chegamos lá, isso ajudou”*.

Numa análise atitudinal dos alunos, com vistas a observar valores e as condutas aprendidas e externalizadas pelo aluno (Paula *et al.*, 2022), é notório o desenvolvimento de comportamentos pautados na organização, cooperação e solidariedade. Seja através de situações em que alunos menos velozes se associam a alunos mais rápidos na busca de um contribuir com encorajamento a aumentar a velocidade, ou situações nas quais existe uma maior organização solidária, em que alguns alunos dividem as tarefas e se responsabilizam por entregar os discos aos demais para que não sobre nenhum disco, ao invés de apenas deixar que cada participante pegue apenas o seu. E essa relação cooperativista se estende além da atividade, pois, após as premiações, foram levados a um espaço aberto para usufruírem dos seus lanches. Tais situações ratificam que, conforme explicita Santos (2023), é importante que os discentes compreendam que, juntos, podem alcançar o mesmo objetivo e conhecer as potencialidades da equipe, e que a verdadeira vitória não está necessariamente associada à derrota do outro.

Dessa forma, fica evidenciada uma diferença relevante entre os alunos que já passaram pela oficina baseada no cooperativismo e os demais alunos que ainda não passaram pela vivência. As crianças que ainda não realizaram a oficina, geralmente, sentam-se com um ou dois colegas e lancham cada um o respectivo lanche. Os demais, que já passaram pela experiência cooperativista, sentam-se em grandes grupos e promovem o escambo de alimentos, de uma maneira muito espontânea e lúdica, regada a sorrisos e brincadeiras. E, por vezes, tentam integrar até mesmo os colegas mais afastados. De acordo com Alencar (2025), as atividades cooperativas fomentam o trabalho em equipe, a lida com as diferenças e a possibilidade de uma convivência social harmoniosa, desenvolvendo, assim, competências sociais e emocionais relevantes para a sociedade. Nesse viés, é possível verificar uma mudança atitudinal nos alunos, mesmo que a curto prazo, por conta da impossibilidade de acompanhar os alunos por um período maior do que a visita.

É importante salientar que a prática dura em média 25 (vinte e cinco) minutos, um tempo relativamente curto para melhores apurações de resultados a longo prazo na dimensão atitudinal dos integrantes. Contudo, ainda assim, quando o bombeiro instrutor cria a conexão, na roda de conversa final, entre o Cooperativismo

(solidariedade, trabalho em equipe, ajuda etc.), a atividade de Bombeiro Militar e o sucesso nas missões demandadas (com exemplos práticos de ocorrências resolvidas pelos militares ali empregados), os alunos demonstram admiração pela profissão de bombeiro militar a ponto de tecerem comentários, como: “*Então, agora já sou bombeiro?*”, “*Nossa, como é legal ser bombeiro!*”, “*Então, todos os bombeiros são amigos*”. A partir daí, todos foram premiados com medalhas e destinados às demais oficinas restantes, para que todos participassem de todas as atividades.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A proximidade entre a instituição Bombeiro Militar e a Educação cria reais possibilidades de mudanças sociais. Atividades pedagógicas, com o apoio dos professores e demais profissionais, no âmbito do 2º Batalhão de Bombeiros Militar da Bahia, contribuem para a criação de memórias, mas, sobretudo, para a construção de reflexões pautadas na solidariedade, no trabalho em equipe, no companheirismo e no cooperativismo. Entretanto, o espaço-tempo das práticas é muito curto. Com isso, fica inviável uma possibilidade de aprofundamento e consolidação de mais comportamentos atitudinais baseados na cooperação.

Este relato possui uma importante lacuna pedagógica, tendo em vista a impossibilidade do monitoramento (por parte dos instrutores militares) desses alunos, como forma de perceber se as atitudes cooperativistas foram incorporadas no seu cotidiano. É feita a dinâmica, mas não é possível qualificar se aquelas atitudes se deram apenas no momento da prática e pós-prática ou se perduraram nas suas relações escolares e familiares por mais tempo.

Portanto, para uma aferição fidedigna de consolidação e mudança atitudinal dos alunos no tocante à cooperação, faz-se necessária a realização de estudos que mensurem e integrem o 2º Batalhão de Bombeiros Militar, as instituições educacionais participantes e a família dos discentes, com o intuito de promover um planejamento de práticas e jogos cooperativos associados à atividade de bombeiro militar e acompanhar as mudanças na dimensão atitudinal das crianças a médio/longo prazo.

Fica evidenciado que a intencionalidade da prática é difundir ideias cooperativistas e demonstrar a sua importância, quando agregadas, em prol de um objetivo comum. Entretanto, o maior desafio é construir esse caminho em apenas alguns minutos de prática e promover uma reflexão sobre a importância da dimensão atitudinal cooperativista para a construção de uma sociedade mais harmônica e solidária.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, C. *et al.* Aprendizagem cooperativa e interdisciplinaridade: o papel dos jogos cooperativos nos anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Ibero-Americana De Humanidades, Ciências E Educação - REASE**. Volume 11. 2025. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/21634/13679>. Acesso em: 04 maio 2026.
- ANTUNES, J.; TORRES, C. M. G.; ALVES, F. C.; QUEIROZ, Z. F. de. Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. Práticas Educativas, Memórias e Oralidades - **Rev. Pemo**, [S. l.], v. 6, p. e12517, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517/12270>. Acesso em: 04 maio 2026.
- BARROS, Regina Benevides de; PASSOS, Eduardo. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <https://desarquivo.org/sites/default/files/virginia-kastrup-liliana-da-escossia-eduardo-passos-pistas-para-o-metodo-da-cartografia.pdf>. Acesso em: 04 maio 2026.
- CORREIA, Marcos Miranda. Jogos cooperativos perspectivas, possibilidades e desafios na educação física escolar. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 149-164, jan. 2006. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/99/107>. Acesso em: 22 abr. 2026.
- DARIDO, Suraya Cristina. Educação física na escola: conteúdos, suas dimensões e significados. In: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA. PROGRAD. **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 51 -75, v.16. Disponível em:

<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/41549/1/01d19t03.pdf>. Acesso em: 12 out. 2024.

FRANTZ, Walter. Educação e cooperação: práticas que se relacionam. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 3, nº 6, jul/dez 2001, p. 242-264. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/HfHsN49JQ3yPzd75kFMq6Hg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 nov. 2024.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 74 ed. São Paulo: Paz & Terra, 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7 ed. São Paulo: Atlas, 2022.

PALMIERI, Marilicia Witzler Antunes Ribeiro. Jogos cooperativos e a promoção da cooperação na educação infantil. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 19, Número 2, maio/agosto de 2015: 243-252. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pee/a/DcM9yddNgtXcZRZjXM9gFVs/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22 abr. 2026.

PAULA, Sirlene de *et al.* Avaliação na Educação Física Escolar: uma Revisão Integrativa sobre os Instrumentos Avaliativos. **Ensino, Educação e Ciências Humanas**, v.23, n.3, 2022 Disponível em: <https://revistaensinoeducacao.pgsscogna.com.br/ensino/article/view/9645/6477>. Acesso em: 22 abr. 2026.

PEREIRA, Dimitri Wu; ARMBRUST, Igor. **Pedagogia da aventura: os esportes radicais, de aventura e de ação na escola**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2010.

SANTOS, Giselle Lima Barros. Jogos Cooperativos na Educação Infantil. **Revista Territórios**. Vol 5. Nº 01. 2023. Disponível em: [https://www.revistaterritorios.com.br/\\_files/ugd/47a28d\\_07df4b56e78840d3b93db448947f2e0e.pdf#page=126](https://www.revistaterritorios.com.br/_files/ugd/47a28d_07df4b56e78840d3b93db448947f2e0e.pdf#page=126). Acesso em: 8 abr. 2026.

SARABIA, Barnabé. A aprendizagem e o ensino das atitudes. In: COLL, César *et al.* (org.). **Os conteúdos na reforma: ensino e aprendizagem de conceitos, procedimentos e atitudes**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SILVA, Marcos Antonio da. A técnica da observação nas ciências humanas. **Educativa**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 413-423, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/a-tecnica-da-observacao-nas-ciencias-humanas-2da2t6opgl.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SEI. **Sistema eletrônico de informações**. Disponível em: <https://http://www.portalseibahia.saeb.ba.gov.br/>. Acesso em: 20 out. 2023.

ZABALA, Antoni; ARNAU, Laia. **Como aprender e ensinar competências**. Porto Alegre: Penso, 2014. Disponível em: [https://www.apostilasopcao.com.br/arquivos-opcao/erratas/11420/69601/como-aprender-e-ensinar-competencias.pdf?srsItid=AfmBOooUi1hiLi68w\\_yBun\\_1rZ3t5YEwvL38XCMX\\_LO0ysrpvs1H2s\\_R](https://www.apostilasopcao.com.br/arquivos-opcao/erratas/11420/69601/como-aprender-e-ensinar-competencias.pdf?srsItid=AfmBOooUi1hiLi68w_yBun_1rZ3t5YEwvL38XCMX_LO0ysrpvs1H2s_R). Acesso em: 10 nov. 2024.